

MEDIAÇÃO DE LEITURA: O OLHAR DAS CRIANÇAS PARA A HISTÓRIA DE MARIA FIRMINA DOS REIS

Lorena Bischoff Trescastro¹

Simone de Jesus da Fonseca Loureiro²

Vania Maria Batista Sarmanho³

Resumo: O artigo apresenta a mediação de leitura literária sobre a vida da escritora Maria Firmina dos Reis com crianças do 3º ano do ensino fundamental. A experiência foi desenvolvida em junho de 2025, nos espaços da biblioteca e da sala de aula, com vinte e cinco crianças, de oito a nove anos de idade, em uma escola pública de Belém - PA, Brasil. O objetivo da mediação de leitura foi inspirar as crianças a lerem cada vez mais, despertando o prazer da leitura e provocando diálogos sobre a temática da narrativa. Nas atividades, os estudantes foram convidados a ler a capa dos livros, desvendar fragmentos das obras, ler palavras e imagens, antecipar temas, reconhecer símbolos, explorar mapas, comentar sentidos e se conectar com a história de Firmina. A história instigou discussões significativas sobre a mulher negra, o respeito às diferenças e a luta antirracista – temas necessários na sociedade, dentro e fora da escola.

Palavras-chave: mediação de leitura; proposta lúdica; educação antirracista.

READING MEDIATION: CHILDREN'S PERSPECTIVES ON THE STORY OF MARIA FIRMINA DOS REIS

Abstract: This paper report presents the mediation of literary reading about the writer's life writer Maria Firmina dos Reis with third-grade elementary school children. The experience was developed in June 2025, in the library and classroom, with twenty-five children, ages eight to nine, at a public school in Belém, Pará, Brazil. The goal of the reading mediated reading was to inspire the children to read more, awakening the pleasure of reading and provoking dialogues about the narrative's themes.

1 Doutora em Educação pela Universidade Federal do Pará - UFPA. Professora do Magistério Superior na Universidade Federal do Pará - UFPA. E-mail: lbtrescastro@ufpa.br.

2 Mestre em Educação pela Universidade do Estado do Pará - UEPA. Professora da Educação Básica do Município de Belém - PA. E-mail: simone.loureiro@escola.seduc.pa.gov.br.

3 Mestre em Educação pela Universidade do Estado do Pará - UEPA. Professora da Educação Básica do Estado do Pará. E-mail: vania.sarmanho@seduc.pa.gov.br.

During the activities, students were invited to read the book covers, unravel fragments of the works, read words and images, anticipate themes, recognize symbols, explore maps, discuss meanings, and connect with Firmina's story. The story sparked meaningful discussions about Black women, respect for differences, and the anti-racist struggle – necessary topics in society, both inside and outside of school.

Keywords: reading mediated reading; playful proposal; anti-racist education.

1 INTRODUÇÃO

A leitura literária para crianças, além de uma experiência estética e criativa, favorece um trabalho alfabetizador com práticas de leitura que possibilitam a interação com a cultura escrita, atividades de leitura silenciosa e em voz alta, construção de diálogos, desenhos e produção escrita, expressão de sentimentos e afetos, ativação de conhecimentos prévios, ampliação de vocabulário e acesso a temas relevantes ao desenvolvimento social, cognitivo e afetivo das crianças leitoras. Segundo Soares (2023, p. 231), “a mediação de leitura orienta o encontro da criança com o texto, com o livro, ora visando especificamente o desenvolvimento sistemático de estratégias de compreensão e interpretação, ora visando, sobretudo, promover uma interação prazerosa da criança com a leitura”. No presente trabalho, buscou-se uma abordagem que contemplasse essas duas perspectivas: a compreensão leitora e o prazer de ler.

A mediação de leitura nos anos iniciais requer do professor não apenas o domínio de metodologias de alfabetização, mas também a capacidade de criar situações didáticas que despertem o interesse e o prazer pela leitura. Leituras compartilhadas, rodas de conversa, contação de histórias e o uso de diferentes gêneros textuais são práticas que favorecem a construção de sentidos e ampliam o repertório cultural das crianças. Além disso, é necessário reconhecer os desafios contemporâneos, como a escassez de materiais de qualidade em algumas escolas e a desigualdade de acesso às práticas de leitura fora do ambiente escolar. Nesse contexto, o professor torna-se ainda mais responsável por garantir que a mediação de leitura literária seja inclusiva, crítica e promotora da cidadania.

A experiência relatada é parte do projeto de pesquisa: Práticas de mediação de leitura, literatura e etnicidade nos anos iniciais do ensino fundamental, coordenado pela primeira autora deste artigo. A pesquisa, ligada ao Curso de Licenciatura Integrada em Ciências, Matemática e Linguagens, da Universidade Federal do Pará (UFPA), está fundamentada na Lei 11.645/2008 que estabelece como obrigatória a inclusão de História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena no currículo escolar (Brasil, 2008), e se justifica dada a necessidade de se formar professores, desde a graduação, para abordar questões étnico-raciais no currículo escolar. O estudo envolveu uma turma de crianças do 3º ano do ensino fundamental, em uma escola pública municipal de Belém, Pará, Brasil, cuja professora é segunda autora deste artigo.

A mediação de leitura literária foi desenvolvida em junho de 2025, nos espaços da biblioteca e na sala de aula, com vinte e cinco crianças, de oito a nove

anos de idade em uma escola pública municipal de Belém - PA, Brasil. Quanto à metodologia, a primeira etapa da pesquisa compreendeu estudo bibliográfico e da legislação brasileira para as relações étnico-raciais na escola, a escolha e análise dos livros *Firmina*, de Cássia Valle e Luciana Palmeira e *Firmina: Maria Firmina dos Reis*, de Anita Machado. Na segunda etapa, foi elaborado o planejamento da mediação de leitura, com etapas de pré-leitura, leitura e pós-leitura, fundamentada em Campos e Amarilha (2022). Na terceira etapa, foi feita a mediação de leitura, com a criação de um portal do tempo, composto de três missões que desafiaram as crianças a realizarem diferentes atividades de leitura; a observação, a coleta e a análise dos dados, seguindo procedimentos éticos de preservação da identidade e imagem dos sujeitos envolvidos. Por fim, na quarta etapa, foi feita a redação do artigo, tomando a mediação de leitura literária como ponto de partida das atividades de leitura no 3º ano do ensino fundamental.

O presente artigo tem por objetivo apresentar uma proposta de mediação de leitura literária sobre a vida da escritora maranhense Maria Firmina dos Reis com crianças do 3º ano do ensino fundamental⁴. Para tanto, o artigo foi organizado em três seções. A primeira seção, introdução, traz a contextualização do tema, a metodologia e o objetivo da pesquisa. A segunda seção apresenta a descrição da experiência de mediação de leitura literária, com etapas de pré-leitura, leitura e pós-leitura, fundamentadas em Campos e Amarilha (2022). A terceira seção traz os resultados da leitura literária e do olhar das crianças para a história de vida de Maria Firmina dos Reis. Por fim, constam as considerações finais e as referências.

2 RELATO DE EXPERIÊNCIA

O relato de experiência apresenta a mediação de leitura literária de duas obras sobre a vida da escritora maranhense Maria Firmina dos Reis em uma turma do 3º ano do ensino fundamental. A primeira obra foi *Firmina* (Valle e Palmeira, 2024), uma versão em formato reduzido e de leitura dinâmica. A segunda foi *Firmina: Maria Firmina dos Reis* (Machado, 2024), uma edição em versão ampliada, cujas dimensões e ilustrações em página dupla otimizam a visualização coletiva no espaço da sala de aula (Figura 1).

4 Este trabalho foi apresentado na 11ª Jornada Internacional de Alfabetização, realizada de 10 a 12 de setembro de 2025, na Universidade do Vale do Taquari - UNIVATES, em Lajeado, Rio Grande do Sul.

Figura 1: Capa do livro



Fonte: Arquivo pessoal.

A escolha desse *corpus* justifica-se pela relevância histórica de Maria Firmina dos Reis (1825-1917), pioneira com o romance abolicionista *Úrsula* (1859). Como mulher negra, professora e intelectual, no século XIX, sua trajetória permite cumprir as diretrizes da Lei nº 11.645/2008, promovendo o debate sobre racismo, gênero e direito à educação. Sob a perspectiva de Soares (2023), essa articulação metodológica transforma a sala de aula em um ambiente de alfabetização e letramento, onde a apropriação do sistema de escrita ocorre simultaneamente à inserção dos sujeitos em práticas sociais críticas e reflexivas.

Na mediação de leitura, as duas versões da história foram introduzidas de forma complementar. A versão compacta foi projetada digitalmente para uma leitura compartilhada em voz alta pelos estudantes. Em seguida, a mediadora conduziu a leitura da versão ampliada, realizando interrupções estratégicas para a visualização detalhada das imagens e abertura de turnos de fala. A pós-leitura consolidou-se em uma roda de conversa voltada à expressão das impressões éticas e estéticas geradas pela narrativa.

2.1 Descrição da experiência: mediação de leitura literária

A mediação de leitura literária sobre a vida de Maria Firmina dos Reis foi estruturada em três etapas – pré-leitura, leitura e pós-leitura –, conforme Campos e Amarilha (2022), articulando a linguagem como prática social, discursiva e dialógica (Soares, 2023; Marcuschi, 2008) e o lúdico como eixo do desenvolvimento cognitivo (Vigotsky, 1991). As atividades foram sistematizadas na Tabela 1.

Tabela 1 – Mediação de leitura literária

PRÉ-LEITURA
Criação do Portal do Tempo: Menina na Ilha, Primeira Mestra e Tempo em Pedacos; Montagem de um quebra-cabeça do mapa do Brasil; Leitura de imagens e textos em cartões com curiosidades sobre São Luís e Guimarães; Manuseio do mapa lúdico do Maranhão com símbolos culturais; Convite para as crianças falarem e compartilharem antecipações de leitura (contexto); Jogo da memória com palavras-chave relacionadas à vida e obra de Maria Firmina; Construção da linha do tempo, com os principais marcos da vida da autora.
LEITURA
Leitura da história de vida de Firmina em duas versões, uma resumida e outra ampliada; Leitura compartilhada e coletiva em voz alta, pelas crianças da versão resumida projetada em slides; Leitura em voz alta pela mediadora da versão ampliada, mostrando as ilustrações página a página, com pausas para as crianças falarem e estabelecerem relações com seus saberes e práticas.
PÓS-LEITURA
Diálogos entre a docente e as crianças instigando o olhar das crianças para a trajetória de vida de Maria Firmina dos Reis, suas lutas e conquistas.

Fonte: Dados da pesquisa (2025).

Na pré-leitura, instituiu-se a estratégia pedagógica ‘Portal do Tempo’, composta por três missões de caráter exploratório. A primeira, Menina na Ilha, utilizou a montagem coletiva de um mapa lúdico do Maranhão, associada a fichas de curiosidades culturais sobre São Luís e Guimarães, envolvendo manifestações como o Bumba-meu-boi e a arquitetura local. Essa dinâmica (Figura 2) funcionou como um exercício de leitura multimodal, permitindo que as crianças realizassem inferências espaciais e geográficas antes do contato direto com o texto.

Figura 2 - Missão Menina na Ilha



Fonte: Dados da pesquisa (2025).

A estratégia criada considera que o texto, seja verbal, visual ou simbólico, constitui uma forma de agir no mundo, em que ler é participar de uma prática social e cada interação contribui para a produção de significados (Marcuschi, 2008). Assim, os mapas, as fichas e as imagens utilizadas na atividade se configuraram como textos em uso, permitindo que as crianças interagissem com diferentes linguagens e compreendessem que a leitura ultrapassa a palavra escrita, porque envolve imagem, contexto, cultura, experiências compartilhadas e construção de sentidos.

As crianças, ao trabalharem na missão Menina da Ilha, anteciparam sentidos, formularam hipóteses e se envolveram afetivamente com a personagem e o tema da obra literária, criando uma situação em que as crianças leram o mundo antes de lerem o texto propriamente, tendo em vista as práticas sociais de leitura (Soares, 2004). A montagem do mapa propiciou momentos de troca, diálogo entre os pares e a valorização das identidades regionais. Ao final, a contextualização geográfica e cultural do Maranhão serviu de ponte para a introdução da história de Maria Firmina dos Reis, fortalecendo vínculos entre literatura, cultura e práticas de letramento.

Os estudantes ao montarem coletivamente o mapa do Brasil, reconheceram o território nacional e se envolveram de forma significativa com a proposta. Durante a atividade, surgiram alguns conflitos, pois determinados alunos desejavam assumir a liderança e realizar sozinhos o encaixe das peças. Nesse momento, foi necessária a mediação da professora, favorecendo o exercício da escuta, do respeito ao tempo do outro, da espera e da construção coletiva. Aos poucos, o grupo compreendeu que o desafio só poderia ser concluído por meio da colaboração entre todos.

Como se vê na Figura 2, sobre a mesa estavam dispostas fichas com curiosidades sobre o estado do Maranhão e a cidade de Guimarães. Cada aluno retirava uma ficha para realizar a leitura em voz alta para os colegas, e alguns perguntavam se poderiam compartilhar a leitura com um amigo, a leitura em dupla, com reduzida exposição pública, fortaleceu alunos tímidos ou que ainda tinham pouca fluência leitora. A atividade proporcionou momentos significativos de leitura de frases e ampliou os conhecimentos das crianças sobre o Maranhão e Guimarães. Nota-se que atividade dessa natureza possibilita incluir estudantes de diversos níveis de aprendizagem. Isso porque, em uma turma heterogênea, o professor deve criar condições, planejando atividades que as crianças sejam capazes de realizá-las.

Gradativamente, as descobertas despertaram o interesse e a curiosidade da turma. Uma aluna ficou surpresa ao saber que Guimarães, no Maranhão, possui o mesmo nome de uma cidade de Portugal. Outra informação que chamou a atenção do grupo foi o fato de Maria Firmina dos Reis ter sido alfabetizada pela própria mãe. Em relação a esse fato da narrativa, surgiram comentários como: “A minha mãe me ajuda na leitura também em casa”. Falas como essa, trazem à mostra a participação da família na educação das crianças. Isso se coaduna à concepção de letramentos sociais, defendida por Street (2014), em que as práticas de letramento ocorrem em outros contextos e não se limitam ao contexto escolar.

Em uma das leituras, ao conhecerem que São Luís, a capital do Maranhão, é conhecida como ‘Ilha do Amor’, uma das crianças estabeleceu relação com sua própria realidade, lembrando que, em Outeiro, ilha localizada, em Belém, Pará, também existe a ‘Praia do Amor’. Esse movimento de aproximação entre o conhecimento novo e as experiências vividas pelas crianças tornou a aprendizagem ainda mais significativa. De modo que, na mediação de leitura, os alunos estabeleceram conexões entre os conhecimentos prévios e os dados da narrativa.

A segunda missão, Primeira Mestra, consistiu em um jogo da memória com termos-chave da biografia da autora, tais como: liberdade, resistência, coragem e educação (Figura 3). O objetivo foi familiarizar as crianças com o léxico e as tensões sociopolíticas do século XIX. Por fim, a missão Tempo em Pedacos (Figura 4) propôs a organização cronológica da trajetória de Firmina em um painel interativo, culminando em um quebra-cabeça ilustrado para colorir. Esse arranjo lúdico atuou como um andaime cognitivo (Vigotsky, 1991), organizando o raciocínio lógico-temporal dos estudantes e despertando a curiosidade para a etapa subsequente.

Figura 3 - Missão Primeira Mestra



Fonte: Dados da pesquisa (2025).

No jogo da memória, ao buscar os pares e nomear cada palavra, os estudantes estabeleceram relações iniciais com conceitos que atravessam o século XIX e que permanecem atuais, como a luta contra a escravidão, a defesa da liberdade e a valorização da educação. A aproximação entre passado e presente favoreceu o desenvolvimento da leitura como prática social de compreensão do mundo, compreendendo o letramento como inserção cultural e reflexão crítica sobre a realidade (Soares, 2004).

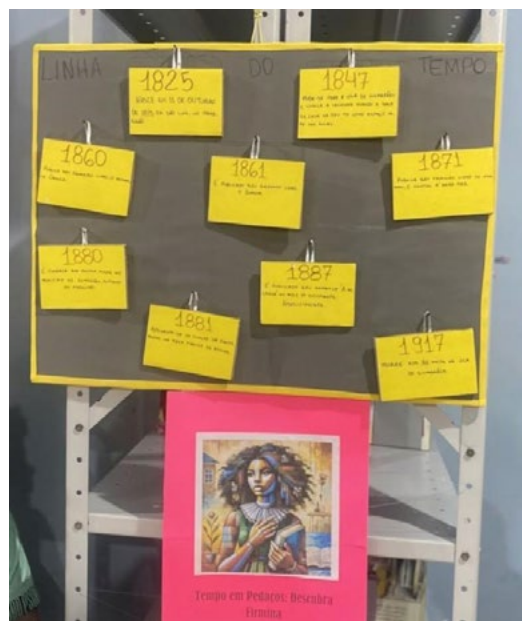
No jogo com as palavras, os estudantes relacionaram o vocabulário ao tempo histórico e ao seu significado social, demonstrando que a linguagem possibilita a ação, a interação e a interpretação do mundo. Do modo como foi planejada, essa atividade fundamenta-se na ideia de que a linguagem é uma forma de viver junto,

um modo de agir e interagir no cotidiano, pois, segundo Marcuschi (2008), a língua é uma forma de ação social, um modo de interagir e de realizar diferentes atividades humanas.

O jogo da memória trazia cartas com palavras-chave relacionadas à vida, à obra e aos temas presentes na escrita de Maria Firmina dos Reis, tais como: *liberdade, coragem, resistência, educação, escrita e escravidão, professora, leitura, escola*. Ao encontrar palavras como *liberdade*, perguntavam espontaneamente por que aquele termo fazia parte da atividade. Quando, nas jogadas seguintes, apareciam palavras como *escravidão* ou *resistência*, a curiosidade aumentava, pois, além de desejarem encontrar os pares, começavam a querer compreender quem era Maria Firmina dos Reis e qual relação aquelas palavras tinham com sua história. Essa foi uma das atividades realizadas com mais rapidez pelas crianças.

Algumas crianças concluíam o jogo e pediam para jogar novamente, enquanto aguardavam o momento de passar para a atividade seguinte. A vontade de repetir demonstrava que estavam à vontade com a proposta e envolvidas tanto pelo desafio de encontrar os pares quanto pela leitura das palavras, principalmente, para aqueles alunos que estavam iniciando a decodificação das palavras. A cada rodada, eles tinham a oportunidade de reconhecer os termos com maior segurança, auxiliar os colegas e estabelecer novas relações entre eles, então a repetição não parecia uma atividade enfadonha, mas provocadora da vontade de ler com fluência, favorecida pela memorização das palavras. Com isso, o jogo, enquanto atividade lúdica, promovia a aprendizagem com construção de sentidos e prazer na atividade de leitura.

Figura 4: Missão Tempo em Pedacos



Fonte: Dados da pesquisa (2025).

Na terceira Missão Tempo em Pedacos (Figura 4), foi feita a montagem da linha do tempo, com os principais marcos da vida da autora: nascimento, conquista do título de mestra, criação da primeira escola gratuita e mista do Brasil, publicações das obras *Úrsula* e *A Escrava*. A linha do tempo estabeleceu a ponte entre passado e presente, uma maneira visual e afetiva de reconhecer a história de Maria Firmina dos Reis (1825-1917) e sua atuação como mulher negra, escritora e educadora no século XIX.

A atividade teve dois momentos: a construção de uma linha do tempo em um quadro interativo de papelão com ganchos para afixar as placas com datas e acontecimentos, dessa forma, os estudantes eram convidados a organizar os elementos em ordem cronológica. Por se tratar de uma linha histórica do século XIX, as crianças inicialmente estranharam a representação numérica dos anos, o que gerou certa dificuldade para organizá-los em ordem cronológica. Com a mediação da professora, a turma passou a compreender a relação entre espaço, tempo e fatos, aprendendo a situar acontecimentos no fluxo temporal. Essa etapa estimulou o raciocínio lógico, a cooperação e a percepção da importância de organizar historicamente os fatos para compreender melhor o passado.

Em seguida, foi proposto um quebra-cabeça ilustrado para colorir, cujo encaixe das peças retomava a linha do tempo. A atividade lúdica retomou a ideia de que, assim como Maria Firmina, todos possuem uma trajetória de momentos significativos. Ao reconstruir a linha do tempo, em forma de quebra-cabeça, os estudantes conheceram fatos da história que aguçou ainda mais a curiosidade para a leitura do livro. Aliás, “a leitura literária pelo simples prazer que esse jogo proporciona, deve ser um dos principais objetivos do trabalho de formação de leitores, já que ela é um dos fatores que propiciam o alcance da autonomia leitora” (Campos; Amarilha, 2022, p. 118-119). As atividades de mediação de leitura compartilhada buscam favorecer um processo de leitura que leve a criança à leitura autônoma.

As atividades foram possíveis dada a elaboração de um planejamento pela professora permitindo a fruição estética e a ampliação do repertório sociocultural dos estudantes, para auxiliá-los nas estratégias de um leitor mais experiente. Na interação entre professora e estudantes se estabelece a mediação, uma vez que se aprende com as interações entre pares e com pessoas mais instruídas (Vigotsky, 1991). No caso, dessa experiência as interações proporcionaram atividades lúdicas de leitura, diálogos e ampliação do vocabulário.

Nessa perspectiva, as crianças não apenas decifraram informações, mas produziram sentidos a partir do diálogo entre palavra, imagem e cultura. O ato de ler, portanto, extrapolou o espaço do livro e se transformou em uma experiência lúdica e discursiva, em que observar, comentar, organizar e relacionar elementos também se configurou em modos de compreensão e de participação no mundo. Depois dessa experiência, as duas obras foram disponibilizadas e as crianças buscaram ler os livros individualmente com autonomia.

2.2 A leitura literária e o olhar das crianças para a história de Maria Firmina dos Reis

Na mediação de leitura, as duas versões do livro foram introduzidas de forma complementar. A versão compacta foi projetada digitalmente para uma leitura compartilhada em uma roda de leitura pelos estudantes. Em seguida, a mediadora conduziu a leitura da versão ampliada, em voz alta, realizando interrupções estratégicas para a visualização detalhada das imagens e abertura de turnos de fala. A pós-leitura consolidou-se em uma roda de conversa voltada à expressão das impressões éticas e estéticas geradas pela narrativa.

A mediação de leitura pela professora começou com a apresentação da capa do livro, da autora e da ilustradora e, antes de virar a primeira página, as conexões começaram a surgir. No diálogo, quando perguntado: “Vocês lembram dessa atividade? Onde a Firmina nasceu?”. As respostas vieram: “A gente fez essa atividade ontem!”; “Ela era do Maranhão!”. Os questionamentos possibilitaram acessar conhecimentos prévios, mostrando que a narrativa já era conhecida das crianças, devido às atividades do Portal do Tempo, antes de que os livros fossem lidos.

Embora as crianças tenham se recordado das atividades do dia anterior, percebeu-se que estabelecer relações entre as palavras exploradas na pré-leitura e os acontecimentos da vida de Maria Firmina dos Reis não foi um processo imediato. Os conceitos históricos, especialmente *escravidão*, *resistência* e *liberdade*, despertavam perguntas e, em alguns momentos, eram compreendidos a partir de situações do cotidiano infantil. Algumas associavam a *escravidão* à ideia de “mandar” ou “não poder brincar”, bem como a palavra *liberdade* era relacionada ao estar livre da prisão, revelando que esses conceitos deviam ser ampliados pelas crianças.

As falas das crianças trazem à mostra a complexidade conceitual desses termos históricos, cuja compreensão pelas crianças demanda sucessivas aproximações e um tempo maior do previsto para a experiência. Diante disso, sem a pretensão de esgotar a discussão, a leitura teve interrupções para retomar o que havia sido trabalhado no Portal do Tempo e promover diálogos sobre a temática. Em vez de oferecer respostas prontas, a professora procurou acolher as hipóteses levantadas pelas crianças e, a partir delas, ampliar a compreensão sobre o contexto histórico vivido por Maria Firmina dos Reis. Essas conversas mostraram que compreender um fato histórico requer tempo, escuta e sucessivas aproximações.

Dada à heterogeneidade da turma, as crianças encontravam-se em diferentes níveis de leitura e compreensão, enquanto algumas conseguiam ler trechos com autonomia, estabelecer relações entre os acontecimentos e antecipar informações da narrativa, outras ainda estavam consolidando o processo de decodificação e dependiam da leitura compartilhada, das imagens e das intervenções da mediadora para acompanhar a história. Essa diversidade demandou constantes adequações no processo da leitura, nas perguntas, na escuta e nas estratégias de participação, de modo que todas pudessem acompanhar a atividade e compartilhar suas interpretações.

Algumas imagens do livro provocaram reações imediatas: “Olha, tem o Boi Bumbá!”. Assim começou uma roda de conversa espontânea e cheia de significados. A professora perguntou: “Em qual festa aparece o Boi Bumbá?” e surgiram respostas diversas: “Festa Junina!”, “Carnaval!”. A imagem da cena foi lida com atenção: “Tem menina dançando!”, “Tocando tambor!”, “Casas lá no fundo!”. De repente, uma criança puxou a canção “Boi, boi, boi, da cara preta...”, e logo outros acompanharam, cantando em coro. As interações, segundo Vigotsky (1991), assumem um papel relevante no processo de aprendizagem. Como se vê nesse momento lúdico, em que a música trouxe à tona memórias de infância e pertencimento.

Nas páginas que relatavam que Firmina havia sido impedida de estudar, as expressões das crianças se tornaram sérias, algumas até demonstrando tristeza. Quando lemos que, mesmo com pouco estudo, ela se tornou mestra, um aluno comentou: “Por isso ontem tinha a estação de Firmina Mestre, né?”. Com essa fala, a criança estabeleceu ligação entre a temática do livro e a vivência da atividade de pré-leitura. Os alunos também fizeram a relação de que o fato de Firmina ser mulher e negra, naquela época, sofria preconceito. Eles reconheceram que, além das dificuldades impostas socialmente, era retirado das crianças o direito de estudar, direito esse que, atualmente, é garantido a todos.

No decorrer da leitura, a indignação deu lugar à admiração: “Firmina foi corajosa em fazer uma escola pra todos!”, disseram. Essa cena da história mobilizou um certo engajamento da turma com a história de vida da escritora, provocado, provavelmente, pela identificação com o direito à educação, com o espaço da escola como lugar de acolhimento, aprendizagem e mudança. A ilustração mostrava Firmina em frente à escola mista que ela fundou, a narrativa dizia que essa tinha sido a primeira escola gratuita da cidade de Maçaricó, no Maranhão (Machado, 2024). Ao visualizar a cena, os estudantes afirmaram que: “É uma escola de palha!”, “É a escola gratuita!”, “Igual a nossa escola!”. Em seguida, outro estudante completou, em tom de indignação: “Um absurdo não poder ter menino e menina estudando juntos, que mal tinha isso!”, referindo-se ao modelo de escola da época.

Os diálogos estabelecidos entre a docente e as crianças, durante a leitura, revelaram o olhar das crianças para a trajetória de Maria Firmina dos Reis. Sua história instigou discussões significativas sobre a mulher negra, o respeito às diferenças e a luta antirracista, temas necessários na sociedade, dentro e fora da escola. A leitura compartilhada e coletiva, além de ter tornado o texto acessível, favoreceu a interação: eram feitas pausas em trechos-chave para refletir, fazer perguntas e escutar as percepções uns dos outros. Nesse sentido, os estudantes mostraram não apenas que compreenderam o texto e as imagens, mas também que conseguiram relacionar a trajetória de vida de Firmina com situações de sua realidade, ao perceberem as injustiças vividas e sua atitude de resistência. Esse momento mostrou como a literatura, para além de uma atividade lúdica e prazerosa, pode mobilizar nos leitores sentimento de indignação, reflexão crítica e desejo de transformação.

Conforme pesquisas de Campos e Amarilha (2022), a literatura antirracista aproximou as crianças da história de Maria Firmina dos Reis, valorizando sua

trajetória como mulher negra, educadora e escritora que ousou falar de liberdade em uma sociedade escravocrata. As atividades fortaleceram uma educação antirracista, ampliaram o repertório cultural e mostraram a importância da linha do tempo para compreender o passado distante, o passado recente, o presente e o futuro. Durante a leitura, as crianças demonstraram admiração pela coragem de Firmina ao criar a primeira escola gratuita e mista, ficaram ainda mais motivadas para a leitura e expressaram o desejo de também se tornarem escritoras, entendendo que ler e escrever, assim como fez Firmina, é um gesto de resistência e expressão antirracista.

Sem pretender fazer generalizações, a vivência com essa experiência de leitura criou na sala de aula um espaço de alfabetização e letramento, onde as crianças se envolveram com o livro não apenas como leitores iniciantes, mas como sujeitos que escutam, perguntam, interpretam e trocam ideias. As conversas e interações, durante a mediação, mostraram o quanto a leitura compartilhada e dialógica pode despertar curiosidade, empatia e discussão sobre temas sociais, como o racismo. Ao promover a leitura e o diálogo, a proposta ultrapassou os limites do ensino da língua portuguesa, na alfabetização de crianças, alcançando dimensões formativas que dialogam com valores de cidadania, respeito e equidade.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência relatada demonstrou que a mediação de leitura literária pautada na biografia de Maria Firmina dos Reis cumpre um duplo papel político-pedagógico nos anos iniciais do ensino fundamental. Por um lado, consolida os processos de alfabetização e letramento sob uma perspectiva social e dialógica, em que a apropriação do sistema da língua escrita ocorre de forma indissociável da produção de sentidos. Por outro, atende às diretrizes da Lei nº 11.645/2008, promovendo o engajamento e a reflexão crítica das crianças de temas complexos e urgentes, como o racismo estrutural, a equidade de gênero e o direito universal à educação. A inserção da ludicidade e de estratégias de pré-leitura, mobilizadoras de conhecimentos prévios, se mostraram adequadas para assegurar a participação e a motivação no processo de ensino e aprendizagem de uma turma com níveis heterogêneos de leitura, promovendo a autonomia leitora de forma coletiva e compartilhada.

Mesmo com o êxito da mediação, cumpre pontuar as limitações inerentes a este relato de experiência. A primeira delas reside no caráter episódico e de curto prazo das atividades, concentradas no mês de junho de 2025, o que restringe a avaliação dos impactos longitudinais dessa abordagem no desenvolvimento da fluência leitora e na consolidação das noções históricas das crianças. Além disso, sem pretender tornar práticas como essas inviáveis de serem realizadas na escola, convém observar que esse tipo de atividade demanda tempo de trabalho docente extraclasses para o planejamento, a confecção do material e organização do espaço escolar – condições que nem sempre correspondem à realidade estrutural e à jornada de trabalho da maioria dos professores da rede pública.

Como perspectivas para futuras investigações, recomenda-se o desenvolvimento de pesquisas longitudinais que acompanhem os desdobramentos de projetos

contínuos de literatura afro-brasileira ao longo do ano letivo, permitindo mensurar de forma sistemática a evolução dos níveis de alfabetização e a compreensão de conceitos histórico-sociais. Sugere-se, também, investigar estratégias de formação continuada de professores voltadas à otimização e ao compartilhamento de materiais didáticos lúdicos sobre relações étnico-raciais, visando reduzir a sobrecarga do trabalho docente individual.

Por fim, aponta-se como campo fecundo a análise das conexões entre as práticas de letramento familiar e escolar iniciadas a partir de projetos como esse, aprofundando o entendimento sobre como os debates antirracistas travados na sala de aula reverberam e transformam os contextos sociais e comunitários dos estudantes.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 11.645/ 2008**. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/11645.htm. Acesso em: 08 ago. 2024.

CAMPOS, Wagner Ramos; AMARILHA, Marly. **Os griôs aportam na escola: ler e discutir literatura negra na escola**. São Paulo: Mercado de Letras, 2022.

JOLIBERT, Josette. **Formando crianças leitoras**. Trad. Bruno Charles Magne. Porto Alegre, Artes Médicas, 1994.

LITERAFRO. Maria Firmina dos Reis. **O portal da literatura Afro-Brasileira**. Faculdade de Letras da UFMG. Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/literafro/autoras/322-maria-firmina-dos-reis>

MACHADO, Anita. **Firmina**: Maria Firmina dos Reis. Campinas: Editora Mostarda, 2024.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual: análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. São Paulo: Contexto, 2004.

SOARES, Magda. **Alfaletrar: toda criança pode aprender a ler e a escrever**. 6 reimp. São Paulo: Contexto, 2023.

STREET, Brian V. **Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação**. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2014.

VALLE, Cássia; PALMEIRA, Luciana. **Firmina**. Campinas: Editora Mostarda, 2024.

VIGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente: o desenvolvimento social da mente**. 4 ed. Trad. José Cipolla Neto, Luis Silveira Menna Barreto e Solange Castro Afeche. São Paulo: Martins Fontes, 1991.